



Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

A Produção do Conhecimento nas Letras, Linguísticas e Artes 2

 **Atena**
Editora

Ano 2019

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

A Produção do Conhecimento nas Letras,
Linguísticas e Artes 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Natália Sandrini e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento nas letras, linguísticas e artes 2 [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A Produção do Conhecimento nas Letras, Linguísticas e Artes; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-280-7

DOI 10.22533/at.ed.807192404

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes.
3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de.

CDD 407

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Nos cursos de formação preocupados com as conexões discursivas entre as ciências da linguagem, estudar a língua em uso significa compreender como o discurso é construído, sem a omissão investigativa das contextualizações da linguagem. Os cursos de formação simbolizam autênticos espaços de produção do conhecimento, além de problematizar as questões que necessitam ser refletidas e analisadas nas ações dos sujeitos.

Os sujeitos trazem como experiências as inúmeras e múltiplas vivências que são confrontadas nos espaços formais de ensino. Discutir sobre os processos de ensino significa considerar que há também a produção de saberes nos contextos não formais de produção do conhecimento.

Nesse sentido, a presente Coleção traz trinta reflexões e inúmeros autores que aceitaram o desafio de promover um diálogo com os contextos e as propostas de ensino, sobretudo na formação, alfabetização e letramento dos sujeitos, interlocutores desta coletânea. O que a torna necessária são as diferentes concepções e perspectivas nos quais os conhecimentos são apresentados.

No primeiro capítulo, as autoras discutem os contos de fada a partir do gênero propaganda, em que o estudo tem como metodologia de pesquisa a análise bibliográfica pertinente à problematização. No segundo capítulo, as autoras analisam o curta ficcional *Sombras do Tempo*, de Edson Ferreira, 2012, sob a perspectiva foucaultiana, aproximando os debates sobre raça e cinema no Brasil. No terceiro capítulo, o autor dedica-se em dois propósitos: identificar e analisar o diálogo entre a linguagem fílmica discutida no corpo do texto.

O autor do quarto capítulo traz à discussão a necessidade do planejamento escolar no contexto da dimensão teórico-pedagógica como prática necessária, além disso, discute e apresenta, sucintamente, as diferenças entre *planejamento* e *plano de aula*. No quinto capítulo, os autores apresentam as questões estéticas e visuais dos grafitos de banheiros como realização verbo-visual que apontam os discursos universitários. No sexto capítulo, o autor trata dos diálogos intertextuais entre Babadook e o Movimento Cinematográfico Expressionista Alemão.

No sétimo capítulo, a autora discute sobre as temáticas *formação* e *evasão* de alunos do Curso Técnico de Intérpretes da Língua Brasileira de Sinais. No oitavo capítulo, os autores discutem e analisam, a partir de estudos culturais, as visualidades produzidas e amparadas na investigação comparada e híbrida. No nono capítulo, o autor discute os processos discursivos que ligam o sujeito na discussão conceitual entre a materialidade do sujeito, a sociedade e o consumo.

O autor do décimo capítulo reflete os modos de aprendizagem da iluminação cênica no contexto da formação de acadêmicos de Teatro, a partir da realização de uma oficina de iluminação cênica. No décimo primeiro capítulo, os autores fazem um recorte de um estudo mais amplo realizado em determinada disciplina de formação.

No décimo segundo capítulo são analisadas e identificadas a aplicabilidade de instrumentos capazes de ampliar o vocabulário nos diversos contextos de produção.

No décimo terceiro capítulo, as autoras tomam o Italiano como herança linguística a partir da proposição de material didático. No décimo quarto capítulo, a autora aproxima o viés teórico da prática tendo como análise alguns escritos de Antonio Candido e Pier Paolo Pasolini. No décimo quinto capítulo, os autores refletem sobre as relações entre memória e aprendizagem, relacionando o tema à problemática do Alzheimer, a partir de uma análise fílmica.

No décimo sexto capítulo, os autores apresentam uma reflexão sobre a produção do conhecimento nas artes híbridas focalizando os possíveis diálogos e convergências da linguagem cinematográfica em audiovisualidades contemporâneas. No décimo sétimo capítulo, os autores propõem, discutem e problematizam um método alternativo para o ensino de Física com alunos do ensino médio de escolas públicas. No décimo oitavo capítulo, o autor aprofunda-se, de forma bilíngue, nos termos médicos para compreender o significado de termo aplicado à interpretação e diálogo.

No décimo nono capítulo, a autora investiga a condução de um processo artístico para o deslocamento e o equilíbrio pelo desenvolvimento permanente. No vigésimo capítulo, frutíferas reflexões são apresentadas pelos autores sobre o discurso da Educação do Campo e da Pedagogia da Alternância, colocando em jogo o entendimento teórico de uma proposta metodológica. No vigésimo primeiro capítulo, a autora provoca leituras, pesquisas e diálogos sobre a construção histórica de um veto ao ficcional que é, em última instância, um veto da própria imaginação.

No vigésimo segundo capítulo, o autor realiza uma análise, apresentando a intratextualidade, além do diálogo do autor consigo mesmo. No vigésimo terceiro capítulo, a autora trata da potencialidade do silêncio presente na imagem, a partir do filme-carta *Letter to Jane: na investigation about a still*, de Jean-Luc Gofarf e Jean-Pierre Gorin, tecendo um breve panorama poético-conceitual do que pode ser imagético. No vigésimo quarto capítulo, as autoras trazem ao leitor os resultados da prática de dança, utilizando-se do método investigativo e de questionário estruturado, realizado entre outubro de 2017 e fevereiro de 2018.

As autoras do vigésimo quinto capítulo destacam os sentidos do romance *O Continente*, primeira parte da trilogia *O Tempo e o Vento*, do escritor Erico Verissimo. No vigésimo sexto capítulo, a autora analisa a Progressão Parcial à luz da Análise de Discurso Pechetiana. Já no vigésimo sétimo capítulo, a discussão de um projeto é apresentada pelas autoras como proposta reflexiva.

No vigésimo oitavo capítulo, a autora discute a narrativa à valorização de uma voz subjetiva na representação do registro documental e da arte contemporânea. No vigésimo nono capítulo, a autora revela um percurso de uma pesquisa participante em arte. E, por fim, no trigésimo capítulo que fecha as reflexões desta Coleção, as autoras discutem acerca de uma ruptura com o discurso colonizador e seus mecanismos de pressão na América Latina.

Todos os autores dos trabalhos compilados neste segundo volume da coletânea em questão, desejam que os possíveis leitores e investigadores encontrem os questionamentos capazes de desenvolver as habilidades investigativas na produção do conhecimento em quaisquer que sejam as áreas do saber.

Ivan Vale de Sousa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
CONTOS DE FADA EM PROPAGANDAS: APELO À EMOÇÃO E QUESTÕES DE GÊNERO FAIRY TALES IN ADVERTISEMENTS: APPEAL TO EMOTION AND GENDER ISSUES	
Fabiana Piccinin Silvana da Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.8071924041	
CAPÍTULO 2	16
CORPO NEGRO E PODER O CURTA SOMBRAS DO TEMPO NA PLATAFORMA AFROFLIX	
Lara Lima Satler Emilly César Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.8071924042	
CAPÍTULO 3	32
EL TOPO E O DRAGÃO DA MALDADE CONTRA O SANTO GUERREIRO: DAS SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE DOIS FAROESTES LATINOS DOS ANOS 70	
Gabriel Philippini Ferreira Borges da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.8071924043	
CAPÍTULO 4	42
O PLANEJAMENTO ESCOLAR NA DIMENSÃO TEÓRICO-PEDAGÓGICA	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.8071924044	
CAPÍTULO 5	52
FABRICAÇÕES DO COTIDIANO: ESTÉTICA E VISUALIDADE NOS/DOS GRAFITOS DE BANHEIRO	
Ana Paula Aparecida Caixeta Luiz Carlos Pinheiro Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.8071924045	
CAPÍTULO 6	64
HERANÇAS EXPRESSIONISTAS NO HORROR CONTEMPORÂNEO: AS ESTRATÉGIAS DIALÓGICAS DE <i>BABADOOK</i>	
Gabriel Perrone	
DOI 10.22533/at.ed.8071924046	
CAPÍTULO 7	71
FORMAÇÃO E EVASÃO DE ALUNOS DO CURSO TÉCNICO DE INTÉRPRETES DE LIBRAS DA ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL ALMIRANTE SOARES DUTRA - ETEASD NO MERCADO DE TRABALHO EM PERNAMBUCO	
Denise Melo Darlene Lira	
DOI 10.22533/at.ed.8071924047	
CAPÍTULO 8	74
AS <i>ARPILLERAS</i> E A REFLEXÃO SOBRE OS SUJEITOS EM NARRATIVAS POÉTICO-VISUAIS	
Jossier Sales Boleão Émile Cardoso Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.8071924048	

CAPÍTULO 9	84
IMAGEM E CONSUMO: A TRANSFORMAÇÃO DO(NO) CORPO E A PROBLEMÁTICA DO REFERENTE	
Guilherme Carrozza	
DOI 10.22533/at.ed.8071924049	
CAPÍTULO 10	96
ILUMINAÇÃO CÊNICA: PRINCÍPIOS PRÁTICOS DA ILUMINAÇÃO TEATRAL	
Vanderlei Antonio Bachega Junior	
DOI 10.22533/at.ed.80719240410	
CAPÍTULO 11	103
INFERÊNCIAS E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS: UM OLHAR SOBRE AS PROPAGANDAS DOS CAMELÔS NUMA CIDADE DO SERTÃO DA BAHIA	
Adão Fernandes Lopes	
Denise Dias de Carvalho Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.80719240411	
CAPÍTULO 12	117
INSTRUMENTOS PARA A AMPLIAÇÃO E ADEQUAÇÃO VOCABULAR NO ÂMBITO DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO: CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA TEXTUAL ORAL E ESCRITA	
Fernanda Luzia de Almeida Miranda	
Tuise Brito Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.80719240412	
CAPÍTULO 13	128
ITALIANO COMO HERANÇA EM PEDRINHAS PAULISTA: UMA PROPOSTA DE MATERIAL DIDÁTICO	
Rosangela Maria Laurindo Fornasier	
Tatiana Iegoroff de Mattos	
Fernanda Landucci Ortale	
DOI 10.22533/at.ed.80719240413	
CAPÍTULO 14	140
LITERATURA E REALIDADE EM ESCRITOS DE ANTONIO CANDIDO E PIER PAOLO PASOLINI	
Ana Clara Vieira da Fonseca	
DOI 10.22533/at.ed.80719240414	
CAPÍTULO 15	150
MEMÓRIA E COGNIÇÃO: A DOENÇA DE ALZHEIMER RETRATADA NO FILME <i>ELLA E JOHN</i>	
Bianca Cardoso Batista	
Vagner Bozzetto	
DOI 10.22533/at.ed.80719240415	
CAPÍTULO 16	164
LINGUAGEM, CORPO E ESTÉTICA NA CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO NO CINEMA E NAS ARTES DO VÍDEO	
Cristiane Wosniak	
Rodrigo Oliva	
DOI 10.22533/at.ed.80719240416	

CAPÍTULO 17	177
METODOLOGIA ALTERNATIVA PARA O ENSINO DE FÍSICA	
Shayenny Alves de Medeiros	
Maria Suenia Nunes de Moraes	
Kátia Cristina Barbosa da Silva	
Elivélton de Lima Alves	
Bismark Mota da Silva	
Brenda de Souza Silva	
José Walber Farias Gouveia	
Maria das Graças Araújo Barros	
Virgínia Micaela de Amorim Silva	
Rafaele Maciel da Silva	
Patricio José Felix da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.80719240417	
CAPÍTULO 18	187
MORFOLOGIA APLICADA À TERMINOLOGIA MÉDICA: UM ESTUDO PARA LINGUISTAS	
Bruno Eric dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.80719240418	
CAPÍTULO 19	200
O BALANÇAR DO MANTO	
Sofia Gentil Mussolin	
DOI 10.22533/at.ed.80719240419	
CAPÍTULO 20	212
O DISCURSO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO E DA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA: ALGUNS APONTAMENTOS DISCURSIVOS	
Lucas Martins Flores	
Alice Maria Martins Rebelo	
DOI 10.22533/at.ed.80719240420	
CAPÍTULO 21	224
O IMAGINÁRIO COMO VIA DE TRANSGRESSÃO DO REAL	
Andréa Portolomeos	
DOI 10.22533/at.ed.80719240421	
CAPÍTULO 22	229
O INTERTEXTUAL E O INTRATEXTUAL NA OBRA DE WOODY ALLEN: UMA ANÁLISE SOBRE OS FILMES “ALICE”, “BLUE JASMINE” E “WONDER WHEEL”	
Alexandre Silva Wolf	
DOI 10.22533/at.ed.80719240422	
CAPÍTULO 23	239
O SILÊNCIO DA IMAGEM: PERSPECTIVA MICROPOLÍTICA NO FILME-CARTA <i>LETTER TO JANE</i> (1972)	
Maruzia de Almeida Dultra	
DOI 10.22533/at.ed.80719240423	

CAPÍTULO 24	254
PRÁTICAS DE DANÇA NA MATURIDADE E A EXPERIÊNCIA ARTÍSTICA NA REGIÃO SUL DO BRASIL: APRESENTANDO ALGUNS RESULTADOS	
Daniela Llopart Castro	
Elisabete Alexandra Pinheiro Monteiro	
Eleonora Campos da Motta Santos	
DOI 10.22533/at.ed.80719240424	
CAPÍTULO 25	264
PRODUÇÃO DE SENTIDO EM O <i>CONTINENTE</i> : MOVIMENTOS DO TEMPO E DO VENTO	
Ana Cristina Agnoletto	
Márcia de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.80719240425	
CAPÍTULO 26	279
PROGRESSÃO PARCIAL: MAIS UMA LEI QUE NÃO FUNCIONA	
Mônica Lopes Névoa Guimarães	
DOI 10.22533/at.ed.80719240426	
CAPÍTULO 27	285
PROJETO DE ESQUADRIAS DE PALETES PARA OCUPAÇÃO ESTUDANTIL “CANTO DE CONEXÃO”	
Karina dos Santos Moura	
Renata Caetano Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.80719240427	
CAPÍTULO 28	291
REGISTRO DOCUMENTAL NA ANIMAÇÃO A <i>BAILARINA</i>	
Carla Lima Massolla Aragão da Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.80719240428	
CAPÍTULO 29	304
REVOADA EM CORES: PROCESSOS DE CRIAÇÃO E EXPRESSÃO SIMBÓLICA DA REALIDADE VIVIDA NAS AULAS DE ARTES VISUAIS	
Cristiane Machado Corrêa Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.80719240429	
CAPÍTULO 30	317
SUDACAS – CORPOS INSURGENTES: CARTOGRAFANDO CORPOS <i>TRANS</i> COM A CÂMERA POR UMA ARTE POLÍTICA	
Janayna Medeiros Pinto Santana	
Rosa Maria Berardo	
DOI 10.22533/at.ed.80719240430	
SOBRE O ORGANIZADOR	329

AS ARPILLERAS E A REFLEXÃO SOBRE OS SUJEITOS EM NARRATIVAS POÉTICO-VISUAIS

Jossier Sales Boleão

Universidade Estadual de Goiás (UEG), Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI)
Goiânia - Goiás

Émile Cardoso Andrade

Universidade Estadual de Goiás (UEG), Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI)
Goiânia - Goiás

RESUMO: O presente trabalho discute - a partir dos estudos culturais, da cultura visual e dos estudos de literatura comparada - enquanto campos do saber, narrativas visuais que têm sido incorporadas por grupos de mulheres, denominadas *arpilleras* e que por meio da organização de uma sucessão de episódios criam visualidades capazes de seduzir, provocar rejeição e incorporar um cosmos imagético sugerindo e gerando *links* com nossos repertórios individuais. Este trabalho analisa algumas destas visualidades produzidas fazendo a sua relação com elementos amparados pelos estudos comparados e hibridismo, além de demonstrar o processo de elaboração de *arpilleras* com um grupo de mulheres camponesas de Goiás. A produção feita pelas mulheres goianas tem algumas particularidades, pois no desenvolvimento da

narrativa, foram utilizados poemas de Conceição Evaristo e Cora Coralina. Nesse percurso, podemos considerar que as imagens narradas nas obras evocam repertórios individuais, que podem desembocar em elementos da narrativa? Espera-se contribuir na ampliação do debate sobre a convergência que há entre as narrativas textuais e visuais. A variedade de contextos e materiais utilizados para a confecção de uma *arpillera* demonstra assim como outras expressões de arte, o caráter individual e ao se conectarem com outras peças, desencadeiam em uma narrativa coletiva, que diz respeito de vivências comunitárias. Propõe-se ainda fazer reflexão sobre a apropriação e ressignificação das narrativas em novas formas estruturais.

PALAVRAS-CHAVE: Arpilleras. Narrativas visuais. Literatura. Artes híbridas.

ABSTRACT: The present work discusses - from the cultural studies, the visual culture and the studies of comparative literature - as fields of knowledge, visual narratives that have been incorporated by groups of women, called *arpilleras* and that through the organization of a succession of episodes create visuals capable of seducing, provoking rejection and incorporating an imagined cosmos by suggesting and generating links to our individual repertoires. In this sense, this work analyzes some of these visualities produced making

their relationship with elements supported by comparative studies and hybridism, in addition to demonstrating the process of elaborating *arpilleras* with a group of peasant women from Goiás. The production made by the Goian women has some peculiarities, because in the development of the narrative, poems of Conceição Evaristo and Cora Coralina were used. In this way, can we consider that the images narrated in the works evoke individual repertoires, which can lead to elements of the narrative? It is hoped to contribute to broadening the debate on the convergence between textual and visual narratives. The variety of contexts and materials used to make a sackcloth demonstrates how other expressions of art, the individual character and the connection with other pieces, trigger in a collective narrative that concerns community experiences. It is also proposed to reflect on the appropriation and re-signification of narratives in new structural forms.

KEYWORDS: Arpilleras. Visual narratives. Literature. Hybrid arts.

1 | INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é traçar algumas reflexões sobre as *arpilleras*, levando em consideração os estudos culturais e literatura, tendo em vista que essas narrativas visuais têm sido utilizadas por mulheres em diversos países da América Latina, como por exemplo, Chile, Peru, Equador e no Brasil, como ferramentas de denúncia e enfrentamento a diversas violações de caráter individual e coletivo.

Essa proposta foi desenvolvida a partir do entrelaçamento das narrativas (visual e textual), de forma dialética, que faz parte de uma pesquisa de mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade. Dessa forma, o trabalho desenvolvido perpassou por trabalhar com mulheres camponesas em dois municípios goianos: Vianópolis e Catalão. Ao longo do trabalho, as mulheres camponesas puderam imprimir na confecção da *arpillera* traços que dizem respeito da história do próprio grupo e estes traços são se fundem com as histórias de vida destas camponesas, tendo como fio condutor poemas de Conceição Evaristo (2017) e Cora Coralina (2006).

A partir das reflexões realizadas, o se que evidencia é a necessidade de aproximar elementos poéticos para a formação e o conhecimento de mundo, ampliando horizontes do fazer artístico e do viver, perpassando pelos aspectos da hibridação, enquanto processo de interseção e transações (Canclini, 2011).

Logo, o *corpus* deste trabalho são imagens de *arpilleras* produzidas no contexto desta pesquisa, quanto de outras produzidas em contextos diferenciados, por mulheres em situação de enfrentamento. Portanto, é realizada uma das leituras possíveis, levando em consideração o intercâmbio entre a cultura visual, estudos da literatura e outras teorias de estudos culturais.

2 | AS ARPILLERAS ENQUANTO EXPERIÊNCIA DE DENÚNCIA E ENFRENTAMENTO

A *arpillera* é uma técnica têxtil chilena que possui raízes numa antiga tradição popular iniciada por um grupo de bordadeiras de Isla Negra, localizada no litoral central chileno. As *arpilleras* originais eram montadas em suporte de aniagem, pano rústico proveniente de sacos de farinha ou batatas, geralmente fabricados em cânhamo ou linho grosso. Toda a costura é feita à mão, utilizando agulhas e fios. Às vezes, são adicionados fios de lã à mão e com crochê para realçar os contornos das figuras.

Normalmente o tamanho destas obras era determinado pela dimensão do saco. Uma vez consumido o seu conteúdo, ele era lavado e cortado em seis partes, possibilitando que o mesmo número de pessoas bordasse a sua própria história, a de sua família e de sua comunidade. A tela de fundo se chama *arpillera*, dando o nome a essa expressão artística popular (BACIC, 2012).

Como forma de registrar a vida cotidiana das comunidades e de afirmar sua identidade, as oficinas de *arpilleras* não somente representaram a expressão dessa realidade como também se transformaram em fonte de sobrevivência em tempos adversos. Muitas *arpilleras* fazem referência aos valores consolidados da comunidade e aos problemas políticos e sociais que um determinado grupo enfrenta. Tornaram-se uma forma de comunicar ao mundo exterior, no Chile e fora dele, o que estava acontecendo, e ao mesmo tempo, uma forma de atividade cooperativa e fonte de renda.

A conhecida folclorista Violeta Parra ajudou a difundir este trabalho artesanal, e expôs uma série de *arpilleras* no Pavilhão Marsan, do Museu de Artes Decorativas do Louvre, em 1964. As *arpilleras* chegaram ao Brasil em 2013, por meio da exposição *Arpilleras da resistência política chilena*, que ficou em cartaz no Memorial da Resistência, em São Paulo, de julho a outubro daquele ano. A pesquisadora chilena Roberta Bacic, curadora da mostra, percorreu vários países da Europa, Ásia, América e África divulgando o trabalho das arpilleristas.

Em todo o processo de elaboração há um momento de encantamento que se dá à reflexão introspectiva de cada sujeito e, ao pensar sobre si, projeta esse encanto para uma prospecção de empoderamento e transformação.

As *arpilleras* se tornaram mais que uma atividade lúdica realizada nas comunidades, também extrapolou as linhas atribuídas a uma atividade doméstica desempenhada por mulheres, no interior das necessidades de suas famílias. As *arpilleras* ganharam um caráter político enquanto ato desempenhado coletivamente, as peças desempenham importante papel socializador e de partilha do cotidiano, até a construção de redes de solidariedade. O fio condutor é o processo da constituição identitária a partir das narrativas.

As representações visuais constituem práticas subjetivas e culturais, que são, por meio das *arpilleras*, transformadas em visualidades. Assim, as visualidades

ganham sentido ao transitarem e emergirem em repertórios individuais que vão sendo adicionados referências e evocando contextos (Martins, 2009).

Nesse sentido, as representações visuais, aqui destacadas, são moldadas e elaboradas a partir de ligações entre o subjetivo individual e coletivo. Ou seja, são acionados mecanismos de reflexão e consciência que no processo criativo de construção de uma *arpillera*, transforma-se em visualidade.

Saraiva (2015) afirma que a cultura é, antes de mais nada, a interação na qual homens e mulheres se relacionam como sujeitos sociais, a partir disto, toda cultura é uma cultura de contextos. Nesse sentido, os movimentos cotidianos em que vai sendo construída a cultura estão intrinsecamente pertencentes na relação com e no território. Dessa forma, as *arpilleras* são tempo de experiência (re)escritas visualmente.

3 | INDIVIDUAL E COLETIVO, TEXTUAL E VISUAL

Partimos do pressuposto de que as *arpilleras* são narrativas: sejam visuais, textuais ou como se mostra recorrente na experiência estética, tratam-se da junção entre o visual e o textual convergindo em uma poética narrativa.

Assim, a cultura visual aborda visualidades transgressoras, não apenas as que estão no cânone, assim como acontece com a literatura. Guimarães (2015), destaca a arte das minorias e estética do povo ou cultura visual do povo, que mesmo possuindo alta qualidade estética não é considerada como arte pela classe dominante, nem mesmo os criadores se denominam artistas.

Nessa perspectiva transgressora é que se dá a construção de narrativas das *arpilleras*, dispendo de espaço para revisitar criticamente momentos de suas experiências, narrando representações e trajetórias. Ao narrar por meio de imagens e visualidades os indivíduos reorganizam suas experiências.

No processo de criação, as mulheres fazem de forma individual e também coletiva. Cada peça narra uma história a partir de um problema enfrentado pela comunidade, como podemos ver na figura 01.



Na figura 01, a narrativa visual se dá pelos elementos contextuais representados por meio de uma barragem construída, o que acarreta a expulsão das pessoas de seus lugares, na água corre símbolos que representam a ganância do capital, juntamente com nomes de grandes empresas responsáveis. Em outro plano (o direito), é possível perceber a cena de marcha, utilizada por manifestantes e integrantes de movimentos sociais como instrumento de denúncia e a sigla MAB, que significa Movimento dos Atingidos e Atingidas por Barragens. Outros personagens como policial, homem engravatado representam o que, para as comunidades de atingidos, é a materialização do poder, do domínio e da exploração.

As *arpilleras* demonstram o que CERTEAU (1998, p. 41) afirma como “modos de proceder da criatividade da vida cotidiana”. Ele afirma serem esses modos populares, mesmo “miúdos” que jogam com os mecanismos de disciplina (aqui se entende por dominação) e não se conforma com estes mecanismos a ponto de alterá-los. Com isso, há um caminho sendo trilhado para o rompimento da “marginalidade de uma maioria”, pois de acordo com o autor, não estamos falando nesse tempo de marginalidade de pequenos grupos e sim de “marginalidade de massa” e essa maioria ainda é silenciosa (ou os dominantes insistem em silenciá-la!).

Tanto a literatura quanto as artes em geral, que congregam nos cânones tendem a disciplinar os sujeitos. Por isso, é necessário tratar as palavras e as imagens, para construir uma “reflexão descentrada e multicêntrica” (MARTINS, 2009, p.34).

A experiência visual apresentada torna-se o cosmos imagético que nos envolve e ao mesmo tempo nos assedia, sugerindo e gerando conexões com nossos repertórios individuais. A partir dessa experiência, as narrativas

Têm potencial para provocar fissuras semânticas nos modos de organizar e interpretar discursos/textos/signos e imagens, rompendo os limites das “linguagens” e desestabilizando convenções, ao mesticizar figurações da voz, do corpo, da vida ou da morte (MARTINS, 2009, p. 33).

É a partir dos repertórios e da experiência visual que acontecem as sinapses entre o conhecimento subjetivo e objetivo, configurados por referências culturais que influenciam os modos e as práticas de ver os sujeitos. Dessa forma, a construção dessas narrativas poéticas por meio da visualidade e da textualidade que as *arpilleras* resultam em um processo híbrido, uma nova estrutura, a partir principalmente da bricolagem, ou seja, do “faça você mesmo”, como podemos perceber na figura 02.



Figura 02: Detalhe de arpillera “MCP 10 anos”. Fonte: Arquivo do autor

Tendo em vista que narrar é contar algo sobre o mundo, sobre o outro e sobre si mesmo, é que presenciamos esse processo dinâmico realizado nas arpilleras, sendo mais que uma técnica instantânea de ludicidade, mas cada peça é uma história, uma narrativa, uma trama que a partir das formas abrangem uma constelação visual do ver, ser visto e de se mostrar.

A conexão entre o visual e o textual (exemplo da figura 02) desestabiliza e desafia os limites convencionais da literatura e geram ruídos em relação à classificação dos sistemas, proporcionando a diferentes sujeitos contar aspectos de sua trajetória (figura 03) e projetar rupturas (Martins, 2009).



Figura 03: Arpillera produzida retratando a luta das mulheres por casa e alimentação saudável. Fonte: Arquivo do autor.

Essas experiências e trajetórias têm a ver diretamente com o que afirma Silva (2000) ao esclarecer que as identidades não são fixas e ao mesmo tempo são marcadas pela diferença, logo a diferença pela exclusão. Os centros estão deslocados e por isso, nas crises globais e um dos centros destacados com estes deslocamentos é o de classe social. Assim, se não há mais uma única força totalizante que molde as relações sociais, é possível afirmar que os sujeitos que se encontram nesses centros múltiplos têm proporcionado embates para que haja também a dinamização de direitos, que o

compreendido historicamente como natural tenha efeitos democráticos.

Hall (2014) aborda de forma sintética as identidades e os sujeitos, do Iluminismo à pós-modernidade ou “modernidade tardia”:

I) o *sujeito do Iluminismo* era pensado como totalmente centrado e unificado, dotado de razão, consciência e ação. O centro principal era a identidade de uma pessoa, ou seja, individualista e essencialmente masculina.

II) o *sujeito da Modernidade*: a partir do século XIX, desenvolve-se em uma concepção interativa da identidade e do eu, baseada na complexidade do mundo moderno. O núcleo interior do sujeito não é autônomo e autossuficiente, mas formado na relação com outras pessoas, que realizam a mediação dos valores, sentidos e símbolos do mundo. O centro interior do sujeito se modifica no diálogo contínuo com os mundos culturais exteriores. A identidade preenche o espaço entre o interior e o exterior, entre o pessoal e o público e o sujeito se projeta nessas identidades culturais. A identidade costura o sujeito à estrutura, estabilizando tanto os sujeitos quanto os mundos culturais.

III) Já o *sujeito da Pós-modernidade*: a partir da segunda metade do século XX, passa a ser pensado como fragmentado, composto de várias identidades, algumas vezes contraditórias e não resolvidas.

Então, se há novos lugares em que novas identidades podem emergir e dos quais novos sujeitos podem se expressar, as narrativas visuais aqui apresentadas, demonstram que há um campo de tensão e disputa. De acordo com GREGOLIN (2008, p. 88), “Vivemos a ‘modernidade líquida’, nossas identidades devem ser cambiantes pois a inflexibilidade (em todos os aspectos da vida) é condenada”.

Ao mesmo tempo se há esse descentramento do sujeito cartesiano, há evidentes conflitos marcando posições e determinações de identidades, principalmente por aquelas historicamente fixadas como dominadoras nas sociedades. Um dos aspectos positivos para o câmbio entre identidades está, justamente, em questionar padrões solidificados e perpetuados, ao ponto de acreditarem ser naturais, mas que no âmago de sua construção há um violento processo de dominação.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS: REAFIRMANDO EXISTÊNCIAS

As arpilleras enquanto narrativas, não apenas textuais ou visuais, mas antes, poéticas, híbridas e integradas, elas criam uma nova estética dentro da cultura visual do povo. No processo de bricolagem para a feitura de uma arpillera há um percurso trans/formador com os sujeitos envolvidos (Boleão & Cardoso, 2018).

A variedade de contextos e materiais utilizados para a confecção de uma arpillera demonstra assim como outras expressões de arte, o caráter individual e ao se conectarem com outras peças, desencadeiam em uma narrativa coletiva, que diz respeito de vivências comunitárias.

Assim, como afirma MARTINS (2009, p. 38), as “Narrativas visuais são uma

forma de compreensão da experiência, um processo performativo de fazer ou contar uma história, ou seja, a narração de uma série de eventos visuais ou imagens em sequência”. Esse processo se dá através de um ato político e transgressor.

Um dos grandes problemas da sociedade moderna é serem, conforme afirma Chauí (2008), sociedades e não comunidades. Pois, o que podemos analisar a partir das arpilleras é a presença da vida em comunidade, ou seja, sua diferença está em não haver divisão interna e prevalecer a ideia de bem comum, a mediação não se dá por instituições. A principal constituição das sociedades modernas é a fragmentação dos sujeitos. São separados um dos outros por meio de objetivos e interesses.

Outro aspecto transgressor possível de verificar nestas obras, é o rompimento e ao mesmo tempo a junção dos conceitos que se tem de “cultura popular” e “cultura letrada”, pois elas ultrapassam os limites das convenções impostas. Não se trata de validar enquanto cultura letrada, hegemônica, dominante ou popular, mas de estéticas que surgem nas veias da cultura visual do povo, para bordar questões invisibilizadas.

Santos (1993) contribui para a discussão das subjetividades no contexto da modernidade, em que há no paradigma da modernidade um projeto sociocultural fecundo de contradições e de novas aspirações, fazendo com que a trajetória social não seja linear.

Há nesse contexto, conforme o autor, duas tensões: subjetividade individual e subjetividade coletiva, sendo dada prioridade à individual; tensão entre subjetividade contextual e subjetividade abstrata, com prioridade para a abstrata. Esses resultados se dão pela prática do mercado que almeja construir um super sujeito, ou seja, uma criação artificial, podendo ser facilmente manipulável, pelas estruturas reguladoras de poder.

Muitas das definições e arbitrariedades da modernidade têm provocado cisões e revisão radical, sobretudo porque há novos olhares sobre os objetos, entretanto isso não ocorreria se o objeto não fosse se transformando. Esse processo pode acarretar em grandes transformações para o futuro, sem que haja a continuidade do apagamento das diferenças e dos direitos dos sujeitos coletivos e individuais.

Apesar de um grupo em Vianópolis escolher produzir arpillera a partir do poema Oração do milho, de Cora Coralina em fusão com o poema Abacateiro, de Conceição Evaristo são inseridos elementos que perpassam pelo próprio histórico do grupo em resultado da luta por moradia camponesa.

O mesmo entrelaçamento é possível perceber na figura 03, em que as mulheres optaram por retratar a imagem captada das duas escritoras, fundindo com a trajetória da organização social da qual fazem parte. Nesta narrativa, podemos perceber uma arpillera com a história pela luta para conquistar moradia camponesa, a representação do coletivo de mulheres que fazem panificados para comercializar e a defesa da natureza.

As mulheres arpilleras vão bordando suas tramas e estabelecendo relações, enquanto sujeitos, sobre as coisas, sobre as ações dos outros e sobre si. Esse é

um produto que carrega infinitos conflitos e acontecimentos discursivos, sociais e culturais. Conforme afirma Gregolin (2008), a análise destas obras busca para além das intenções, as posições dos sujeitos frente a um arcabouço em que se encontram estes sujeitos.

A partir da proposição de construir as arpilleras com as mulheres camponesas de Vianópolis e Catalão, no estado de Goiás, é possível perceber que mesmo em contexto diferenciado de produção – ao comparar com outros países latino-americanos – a motivação perpassa por elementos mais ou menos comuns.

REFERÊNCIAS

AGUIRRE, I. Cultura visual, política da estética e educação emancipadora. In MARTINS, R.; TOURINHO, I. (Org.). **Educação da cultura visual: conceitos e contextos**. Santa Maria: UFSM, 2011.

ANDRADE, Émile Cardoso. BOLEÃO, Jossier Sales. As narrativas das arpilleras e a reflexão sobre os sujeitos. In: **Dossiê Estudos de Linguagem e Interculturalidade**. REVELLI, v.10, p. 339-353 n.2. Junho/2018.

BACIC, Roberta. **Arpilleras da resistência chilena**. Brasília: Biblioteca Nacional, 2012.

BARBOSA, Ana. Mae. **A cultura visual antes da cultura visual**. Revista Educação, Porto Alegre, v. 34, n. 3, p. 293-301, set./dez. 2011.

BITTENCOURT, A. M. **O papel das imagens nos processos de comunicação: ações do corpo, ações no corpo**. 2007. 117 f. Tese de Doutorado em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 3 ed. São Paulo: USP, 2011.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHAUÍ, Marilena. Cultura e democracia. In: **Crítica y emancipación: Revista latinoamericana de Ciencias Sociales**. Año 1, no. 1 (jun. 2008-). Buenos Aires: CLACSO, 2008.

GREGOLIN, Maria do Rosario. Identidade: objeto ainda não identificado? In: **Estudos da Língua(gem)**. Vitória da Conquista, v. 6, n.1, p. 81-97, 2008.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2014.

MARTINS, R. A cultura visual e a construção social da arte, da imagem e das práticas do ver. In OLIVEIRA, M. (Org.). **Arte, educação e cultura**. Santa Maria: UFSM, 2007.

MARTINS, Raimundo. Narrativas visuais: imagens, visualidades e experiência educativa. **Programa de Pós-graduação em arte**, v. 8, nº 1, UnB. Janeiro/junho de 2009.

POZENATO, José Clemente. **Processos culturais: reflexões sobre a dinâmica cultural**. Caxias do Sul: EducS, 2003.

RAMA, Ángel. Os processos de transculturação na narrativa latino-americana. In: AGUIAR, Flávio;

VASCONCELOS, Sandra Guardini T. (Org.). **Ángel Rama: literatura e cultura na América Latina**. São Paulo: USP, 2001.

RAMA, Ángel. **Transculturación narrativa em América Latina**. 2 ed. Buenos Aires, Argentina: Ediciones El Andariego, 2008.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Modernidade, identidade e a cultura de fronteira**. *Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo*, 5(1-2): 31-52, 1993.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais**. *Petrópolis: Vozes*, 2000.

SOBRE O ORGANIZADOR

IVAN VALE DE SOUSA Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Especialista em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense. Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília. Professor de Língua Portuguesa em Parauapebas, Pará.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-280-7

